

A REINVENÇÃO DO MUNDO POR SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Reinventing the world by Sophia de Mello Breyner Andresen

Lara Leal*

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Resumo: O presente artigo pretende reler algumas das obras de Sophia de Mello Breyner Andresen nas quais a temática da viagem, no duplo movimento de reler a tradição e com ela romper, é problematizada face ao novo período de democratização e modernização da sociedade portuguesa pós-revolução. É das discussões surgidas nesse novo contexto que o chamado regresso à Europa impôs a Portugal a necessidade de se reinventar. Sabe-se que o Estado Salazarista constantemente associou sua história aos grandes feitos da expansão marítima legitimando continuamente a ideologia colonial. Como redefinir o imaginário simbólico do País sem apagar sua história de feitos e conquistas? Como recontar essa mesma história, mas agora sobre novas bases – a da democracia? Tecer esse deslocamento na trama do texto poético foi um dos desafios enfrentados pela poeta, sublinhando as ambiguidades políticas e simbólicas do país em relação tanto ao seu passado quanto aos territórios recém-saídos de seu domínio.

Palavras-chave: Descobrimientos. Literatura de Viagem. Revolução dos Cravos.

Abstract: The present article intends to re-read some of the works of Sophia de Mello Breyner Andresen where the theme of the trip, in the double movement to reread tradition and to break it, is problematized in the face of the new period of democratization and modernization of Portuguese society after the revolution. It is from this discussions that emerged in this new context that the so-called return to Europe imposed on Portugal the need to reinvent itself. It is known that the Salazarist State has constantly associated its history with the great achievements of maritime expansion, legitimating continually the colonial ideology. How to redefine the symbolic imagery of the Country without erasing its history of achievements? How to recount this same story, but now on new foundations – that of democracy? Weaving this shift in the plot of the poetic text was one of the challenges faced by the poet, underscoring the political and symbolic ambiguities of the country in relation to both its past and the territories just out of its domain.

Keywords: Discoveries. Travel Literature. April Revolution.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons - Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

* Possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1996), mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2005) e doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2009). Atualmente atua no Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio, como pós-doutoranda PAPD/FAPERJ. E-mail: lealara@gmail.com.

 <https://orcid.org/0000-0003-3432-732X>.

Recebido em: 15/05/2018

Aceito em: 28/09/2018

O artista não é, e nunca foi, um homem isolado que vive no alto duma torre de marfim. O artista, mesmo aquele que mais se coloca à margem da convivência, influenciará necessariamente, através da sua obra, a vida e o destino dos outros. Mesmo que o artista escolha o isolamento como melhor condição de trabalho e criação, pelo simples facto de fazer uma obra de rigor, de verdade e de consciência ele irá contribuir para a formação duma consciência comum.

Sophia de Mello Breyner Andresen (2015, p. 893)

Este artigo é um resultado parcial de uma pesquisa maior sobre as narrativas de viagens contemporâneas portuguesas e sua potência experimental de reatualização do tempo passado feita no presente da leitura¹. Neste duplo movimento de reler a tradição e com ela romper está assente a força motriz de tais narrativas que apontam, no limite, para uma nova compreensão da História de Portugal a partir da descolonização da África e do fim do Império Ultramarino. Vale lembrar que, desde a Revolução dos Cravos, Portugal encontra-se sob a égide das ambiguidades políticas e simbólicas em relação tanto ao seu passado quanto aos territórios saídos de seu domínio, caracterizando o que Boaventura de Souza Santos (2002) chamou de “ambivalência do pós-colonialismo português”.

Aqui trabalharemos com algumas das obras de Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004), nomeadamente seu livro de poesia *Navegações* e seus contos *Saga e Era uma vez uma praia Atlântica*. Duas questões nortearão as leituras. A primeira relaciona-se à especificidade da poesia no que diz respeito à tradição e a sua vocação para a proposição de novos protocolos de leitura das narrativas de viagem (ficcionais e não ficcionais), e a segunda pretende interrogar as motivações – literárias ou não, dos poetas que viajam, buscando compreender o novo papel simbólico do escritor enquanto o intelectual que atua como mediador entre o cotidiano e a política, circunscrevendo a experiência histórica de um determinado país em uma agenda discursiva global (SAID, 2002).

Sophia é dona de uma vasta obra que inclui poesia, contos, histórias infantis, ensaios críticos e peças de teatro. Ao longo de sua vida participou ativamente das discussões que envolvem o fazer poético/literário e sua relação com a sociedade. Sua figura é emblemática na oposição do campo literário ao salazarismo².

Parte de seus escritos está relacionada à releitura da história dos descobrimentos, buscando apontar novos entendimentos da relação de Portugal com o mundo. Se, durante séculos, o país buscou, continuamente, tecer uma leitura mítica de sua aventura marítima - o que acabou por lhe conferir um lugar específico dentro do imaginário cultural ocidental - nem

¹ A viagem do escritor em busca de uma linguagem. O museu de grandes novidades das narrativas de viagens contemporâneas. PUC-Rio / FAPERJ.

² Sophia teve uma rápida atuação como deputada pelo Partido Socialista no pós-25 de abril, onde acabou por decepcionar-se com os rumos do novo governo. Porém sua atuação política teve continuidade. Em 1990, por exemplo, envolveu-se de perto com as atividades em defesa da independência do Timor.

sempre os resultados alcançados foram em uma chave positiva. O uso sistemático deste discurso do colonizador e de sua justificativa expansionista, seja pela via da fé ou pela via militar/mercantil, pelo governo salazarista fortaleceu ainda mais esta imagem.

Com a Revolução dos Cravos e o fim do império português era hora de recontar esta história agora sob as novas bases da democracia. Como redefinir o imaginário simbólico do país sem apagar seus feitos e suas conquistas? O *pathos* revolucionário que se seguiu ao 25 de abril funcionou como uma espécie de página em branco, conclamando os homens a atuarem de forma diferente, nova (ARENDETT, 1988). E é neste sentido, que ele se torna um momento imagético bastante próximo do impulso dos primeiros navegadores portugueses – homens que tinham diante de si o desconhecido.

Sophia buscou, em sua poética, equiparar estes dois momentos-chave da História de Portugal. Ambos rodeados de ousadia e de coragem. E esta operação retórica funciona, em sua obra, como um dispositivo, tal qual sistematizado por Agamben (2009).

Revolução isto é: descobrimento
Mundo recomeçado a partir da praia pura
Como poema a partir da página em branco
— Catarsis emergir verdade exposta
Tempo terrestre a perguntar seu rosto
(ANDRESEN, 1999, p. 201)

Sophia propõe, então, uma nova leitura da relação de Portugal com o momento dos Descobrimentos e da imbricada relação portuguesa com o universo marítimo das navegações. Começamos com *Navegações*. Publicado originalmente em 1983, pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda, sob os auspícios do Comissariado para a XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, intitulada “Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento”, o pequeno volume é composto de 25 poemas, todos eles escritos entre 1977 e 1982³.

De certa forma, este é um livro emblemático no universo poético de Sophia, uma vez que ele reúne, de forma sistemática, muitos dos elementos que já apareciam difusamente em sua obra e que remetiam a este imaginário ligado às navegações – sejam as paisagens (o mar, a praia, as ilhas), os acontecimentos (o naufrágio, o encontro com o outro), ou mesmo a própria viagem entendida como operador discursivo.

A poética da viagem ilumina um tema bastante caro à literatura, o da sua relação com a experiência. Da objetividade da mão que escreve ao autor que enuncia uma travessia, percorremos um *corpus* narrativo onde se entrecruzam o percurso do indivíduo no tempo e no espaço (o deslocamento) e a suspensão do tempo no espaço (a descrição). Podemos entender que também a poesia é uma forma de viagem – viagem da palavra através da imagem, da palavra que busca compreender a experiência do Homem naquilo que ele tem de universal, da palavra adâmica, que nomeia, que individualiza, que cria realidade. Não por acaso a poeta inaugura

³ Consta desta belíssima edição a reprodução de cinco mapas históricos do século XVI (uma vez que muitos dos poemas também dialogam com a iconografia renascentista), algumas reproduções da caligrafia manuscrita da autora e uma versão inglesa e outra francesa dos poemas. Bastante bem recebido pela crítica, ainda neste mesmo ano recebeu o importante Prêmio do Centro Português da Associação de Críticos Literários.

suas *Navegações* com o poema “Lisboa”, que diz:

(...)

Vejo-a melhor porque a digo
Tudo se mostra melhor porque digo
Tudo mostra melhor o seu estar e a sua carência
Porque digo

(...)

Digo o nome da cidade
- Digo para ver.

(ANDRESEN, 1999, p. 247)

É de Lisboa, portanto, que começa a viagem.

A divisão do livro – Lisboa, As Ilhas e Deriva é, em si mesma, a apresentação de um itinerário. As Ilhas aparecem como pontos de apoio da viagem, mas também como microcosmos, como paisagens cheias de possibilidades. Nos sete poemas agrupados sob este signo, encontramos ecos da voz de Camões e de D. Sebastião. No primeiro poema, o eu lírico vê surgir diante de si as ilhas luminosas e, a partir desta visão, tem a consciência de estar vivenciando o surgimento do homem novo do Renascimento.

[...]

Então surgiram as ilhas luminosas
De um azul tão puro e tão violento
Que excedia o fulgor do firmamento
Navegado por garças milagrosas

E extinguiram-se em nós memória e tempo

(ANDRESEN, 1999, p. 251)

Esta epifania do eu lírico, “e extinguiram-se em nós memória e tempo” é a condição para o início das novas navegações – não mais aquelas navegações expansionistas, motivadas por uma missão mercantil de encontrar novas terras e novas fortunas, mas uma navegação abstrata motivada apenas pelo ímpeto do novo e pela ousadia de se entregar ao desconhecido.

Navegação abstracta

Fito como um peixe o voo segue a rota
Vista de cima tornou-se a terra um mapa

[...]

(ANDRESEN, 1999, p. 252).

Não é exagero afirmar que os Descobrimientos portugueses contribuíram decisivamente não apenas para uma nova e até então desconhecida configuração espacial do mundo, mas fundamentalmente para a criação de um novo homem. De *Mare clausum* a *Mare infinitum*, o mar deixou de ser visto como um obstáculo a separar a Europa dos outros mundos agora conhecidos, para afirmar-se enquanto via desse encontro. É nesse sentido que as viagens marítimas são, sobretudo, atividades de experimentação e de busca do novo – e o navegador é aquele que libertou sua alma errante em nome de um projeto maior, a saber, o da sua própria superação e o da superação da natureza – a infinitude do poder humano responsável pelo

alargamento das fronteiras geográficas tornou o mundo ilimitado. É justamente esta capacidade de ultrapassar limites, tão característica deste “novo homem”, que Sophia parece evocar e enaltecer quando canta: “Navegavam sem os mapas que faziam” (As Ilhas VI). A crescente autoridade do testemunho ocular deslocou o primado do ouvir e inaugurou a chamada consciência moderna onde a experiência e não mais a revelação ocupava um lugar de operadora de sentidos.

[...]
E sob as altas nuvens brancas líras
Os olhos viram verdadeiramente
O doce azul de Oriente e de safiras
(ANDRESEN, 1999, p. 254)

É preciso ressaltar que esta primazia da experiência imediata, característica da alma do navegante português, cuja admissão do maravilhoso se dava após o filtro de seu saber empírico, não fez com que esse novo homem perdesse sua capacidade de maravilhar-se⁴ - o que ocorreu foi um deslocamento de perspectiva, onde a “surpresa do desvendar o oculto, de se introduzir no que era até então desconhecido, era o que o estimulava cada vez mais intensamente” (Godinho, 1998, p.79). E é justamente esta nova qualidade do deslumbramento a questão destacada por Sophia em relação aos descobrimentos portugueses, como ela mesma nos chama a atenção ainda na introdução do livro:

[...] escrevi os primeiros poemas simultaneamente a partir da minha imaginação, desse primeiro olhar, e a partir do meu próprio maravilhamento. (...) Para mim o tema das navegações não é o feito, a gesta, mas fundamentalmente o olhar, aquilo a que os gregos chamavam *aletheia*, a desocultação, o descobrimento (ANDRESEN, 1996, p. 7).

Em *Navegações* encontramos invocações dessa experiência – do espanto com o fato de a realidade ultrapassar o imaginado, do fascínio pelo real. A partir da releitura e dos diálogos intertextuais que a poeta realiza com toda uma tradição da literatura de viagem, nós, leitores, acompanhamos o surgimento desta moderna via de experimentação da existência, deste novo olhar para a realidade.

Vi as águas os cabos vi as ilhas
E o longo baloiçar dos coqueiros
Vi lagunas azuis como safiras
Rápidas aves furtivos animais
Vi prodígios espantos maravilhas
Vi homens nus bailando nos areais
E ouvi o fundo som de suas falas
Que já nenhum de nós entendeu mais
Vi ferros e vi setas e vi lanças
Oiro também à flor das ondas finas
E o diverso fulgor de outros metais
Vi pérolas e conchas e corais

⁴ HOLLANDA, 1969.

Desertos fontes trémulas campinas
Vi o rosto de Eurydice das neblinas
Vi o frescor das coisas naturais
Só de Preste João não vi sinais

As ordens que levava não cumpri
E assim contando tudo quanto vi
Não sei se tudo errei ou descobri
(ANDRESEN, 1999, p. 268).

Neste poema, ouvimos reverberações da épica camoniana, ou melhor, da voz narrativa de Vasco da Gama. Se n’*Os Lusíadas* ouvimos a insistência de um navegador que justificava suas errâncias como ordens a cumprir, no poema de Sophia o navegador desliga-se deste mandato maior e coloca-se a serviço do maravilhamento do novo – e, ao fazê-lo, subverte a missão colonizadora – “As ordens que levava não cumpri / E assim contando tudo quanto vi / Não sei se tudo errei ou descobri” (ANDRESEN, 1999, p. 268).

O livro de Sophia de Mello Breyner é uma espécie de diálogo, onde se intercalam a voz do autor e a voz do outro. Ora, sabemos que uma das mais fortes experiências da viagem é o diálogo e seu conseqüente conflito de perspectivas. Deste diálogo surge a consciência de que apesar das diferenças, há valores e princípios éticos a partilhar e, apesar da distância cultural, possibilidades de entendimento. Na viagem proposta por *Navegações*, ouvimos não apenas as vozes de Camões, Bartolomeu Dias e Dom Sebastião, mas também ouvimos vozes anônimas, de navegantes, de homens que “ousaram viver a inteireza do possível”. Evocá-los, para Sophia, é uma maneira de colocar-se lado a lado com eles, anulando com isso o tempo e o espaço.

O legado dos Descobrimentos, na história do Ocidente, assemelha-se a uma espécie de *Thesaurus* de saber, ou seja, um acúmulo de conhecimentos, objetos e imagens que, uma vez colecionados e fixados no espaço do livro realiza uma operação metafórica entre ler, escrever e viajar. O conjunto dos relatos de viagens disponibiliza ao leitor- viajante um repositório de experiências. Refazer as viagens de outrora buscando descoser as principais linhas de força das narrativas originais não seria uma forma de recolocar a questão-chave da aventura ocidental? Buscar não uma explicação da diferença, mas uma compreensão do outro, no sentido de estabelecer uma relação sensível com as outras experiências e vivências através de percepções, emoções e pensamentos?

Mas talvez o aspecto mais interessante a ser ressaltado sobre *Navegações* relaciona-se com a sua própria gênese. A inspiração para a sua escritura surgiu de uma (ou melhor, em uma) viagem concreta que a poeta fez para a China.

Escrevi as *Navegações* exactamente porque o Conselho da Revolução, em 1977, me convidou a ir a Macau para tomar parte na celebração do Dia de Camões. Foi o meu primeiro encontro com o Oriente. [...] À medida que os poemas iam surgindo ia decidindo em mim a vontade de os editar [...] (ANDRESEN, 1996, p. 7-8).

Sophia pôde vivenciar a sua própria experiência da potência discursiva da viagem. De um deslocamento que provoca novos entendimentos e novas leituras do mundo. Alguns anos

antes, quando de sua primeira viagem à Grécia em 1963, escreveu a Jorge de Sena as seguintes palavras:

Não tento descrever-lhe a Grécia nem tento dizer-lhe o que foi ali a minha total felicidade. Foi como se eu me despedisse de todos os meus desencontros, todas as minhas feridas e acordasse no primeiro dia da criação num lugar desde sempre pressentido. Sobre a Grécia só o Homero me tinha dito a verdade: mas não toda (ANDRESEN; SENA, 2006, p. 65-66).

Não é a descrição de uma paisagem nova a força motriz que impulsiona o poeta-viajante, mas as sensações experimentadas na travessia, as conexões que só ocorrem quando nos afastamos e encontramos não exatamente o novo, o desconhecido, ou o inusitado, mas a possibilidade de olhar de outra forma, de outro lugar. Italo Calvino, em seu livro *As cidades invisíveis*, nos diz: “ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos” (CALVINO, 2004, p. 28).

E, de certa forma, é a partir do novo lugar que Portugal ocupa no contexto da comunidade europeia que podemos entender o trabalho e o esforço que vem sendo feito no país para ressignificar seu passado glorioso em uma chave mais contemporânea. Particularmente importante para esta discussão foi a realização da Expo’98 onde Portugal procurou mostrar ao mundo, e aos próprios portugueses, a imagem de um país em acelerado processo de modernização. Na esteira das comemorações dos 500 anos da viagem de Vasco da Gama e da realização da exposição, Portugal experimentou um efervescente debate público em torno de sua identidade. Desde então, o que tem sido valorizado como força imagética dos novos tempos é a relação do país com o mar – como destacado na citação abaixo, retirada do relatório da Comissão Estratégica dos Oceanos. Assumindo a missão de “destacar Portugal como a nação marítima da União Europeia”, o governo português vem apostando na ideia de reforçar a associação de Portugal com o mar:

Assim, o reconhecimento do peso avassalador do elemento marítimo não apenas na manutenção da nossa autonomia política, mas até na definição da nossa índole colectiva, parece justificar por si mesmo que Portugal deva eleger os Oceanos como elemento central da identidade que quer consolidar e da imagem que quer projectar (COMISSÃO, 2004, p. 25).

Nos dois contos que serão trabalhados a seguir o mar ocupa uma centralidade narrativa. No primeiro deles, “Saga”, a autora problematiza a obsessão de Portugal pelo mar. Já no segundo, escrito especialmente para a coleção literária 98 Mares, editada pela Expo’98, o mar perde sua aura mitológica e é devolvido aos portugueses para que eles possam apreender novamente o seu sentido, encontrar novas formas de com ele se relacionar.

Vejamos o conto “Saga”, incluído no livro *Histórias de terra e mar* (1984). O próprio título do conto é bastante significativo – embora a saga, como gênero literário, nos remeta a uma coletividade, no conto vamos acompanhar a vida de um único personagem mas que pode ser lido como uma história exemplar.

Na origem do conto, o fascínio que o mar exerce nos homens. No caso, em Hans. Apesar de nascido e criado em uma ilha imaginária do Mar do Norte – Vig, o mar era para ele algo interdito, desde que seus tios haviam naufragado. Mas Hans tinha o sentido do mar. Quanto mais este lhe era mantido afastado, mais próximo de sua alma era seu chamado. O imaginário mítico sobre o marinheiro e sua vida – sua coragem em desbravar oceanos, conhecer novas terras e novas culturas exercia sobre ele um fascínio tão visceral que cumprir seu destino tornou-se uma necessidade. Navegar era preciso. Viver, não.

Após se alistar como grumete em um cargueiro inglês, Hans ganha o mundo e já na primeira viagem vivencia muitas das experiências dos homens que vivem no mar – enfrenta uma tempestade, é castigado pelo capitão do navio, se perde por terras desconhecidas e finalmente é salvo por um homem que será o responsável por dar corpo ao seu sonho. Será?

Hoyle era um negociante de vinhos para o mar do norte – inicialmente contrata Hans para ajudá-lo e, aos poucos, passa a tratá-lo como o filho que nunca teve. E assim Hans começa a viver como sempre imaginou.

A sua adolescência cresceu entre os cais, os armazéns e os barcos; em conversas com marinheiros embarcações e comerciantes. De um barco ele sabia tudo desde o porão até ao cimo do mais alto mastro. E, ora a bordo ora em terra, ora debruçado nos bancos da escola sobre mapas e cálculos, ora mergulhado em narrações de viagens, estudando, sonhando e praticando [...] (ANDRESEN, 1989, p. 33).

Mas Hans não conseguia esquecer sua própria ilha e passou a sonhar e a dedicar cada minuto do seu tempo ao regresso. Ocorre que agora, o que lhe era interdito não era mais o mar (este ainda era uma promessa), mas sua terra natal. Seu pai jamais lhe perdoou e, apesar das muitas tentativas, não lhe permitia retornar ao lar. Após a morte de Hoyle, Hans assume todos os seus negócios e se torna um homem muito rico.

A vida de Hans mais uma vez tinha virado. Já não eram as longas navegações até aos confins dos continentes, o avançar aventuroso ao longo de costas luxuriantes e de costas desérticas, de povo em povo, de baía em baía. Agora verificava a ordem dos armazéns, o bom estado dos navios, a competência das equipagens, controlava as cargas e descargas, discutia negócios e contratos. As suas viagens iam-se tornando rápidas e espaçadas. (ANDRESEN, 1989, p. 35)

É como se o mar e aquela vida tão sonhada não lhe quisessem. Sua própria vida tornou-se um não-lugar, do mar sonhado como promessas de aventura ao mar como caminho que o levaria de volta para seu lar que continuava lhe escapando.

A saga de Hans é a história deste desencontro. Hans fez um único pedido no leito de morte – que fosse construído sobre sua sepultura um navio naufragado.

Em pedra e bronze, com mastros quebrados e velas rasgadas, o navio foi construído sobre a campa de Hans. Este estranho jazigo que entre lápides, bustos, anjos de pedra, canteiros e piedosas cruces tinha algo de arrebatado e selvático, tornou-se depressa um dos monumentos famosos da cidade e vinha

gente das redondezas para o ver. A sua enorme sombra inquieta quem passe sozinho na avenida dos plátanos e muitos perguntam porquê tão estranha sepultura. Porém é nesse navio que, nas noites de temporal, Hans sai à barra e navega para o Norte, para Vig, a ilha (ANDRESEN, 1989, p. 41).

Neste conto Sophia trabalha algumas imagens que são recorrentes em sua poética. Será o mar uma escolha para os portugueses ou um imperativo categórico? Mesmo tendo a sua história absolutamente entrelaçada ao mar, este nem sempre lhe garantiu um conforto, ou lhe emprestou a melhor faceta. Será Portugal um país naufragado? Preso a uma imagem marítima, de eterno desbravador de terras desconhecidas?

No conto que Sophia escreveu para a coleção 98 Mares, *Era uma vez uma praia atlântica*, podemos entrever uma resposta (ou uma proposta) para esta delicada equação entre seu passado marítimo e o presente com vistas a um futuro que precisa lidar melhor com esta realidade de um pequeno país que tem um oceano a sua frente. Aqui já temos uma primeira virada conceitual – a personagem que apresenta (e representa) o mar não é mais um navegante épico, mas um salva-vidas – o Manuel Bote. Um homem simples, que lida com o mar para viver, para ganhar o dia a dia.

A aura marítima que o rodeava, dava-lhe um certo ar de monumento manuelino mas, simultaneamente, tinha a beleza tosca e tocante de um barco de pescadores, construído com as mãos e deslavado por muito mar e muitos sóis (ANDRESEN, 1997, p. 9-10).

A história começa com a narradora lembrando-se de Manuel Bote vivo e atuante e sua mulher, Ana Bote, ambos absolutamente ambientados em uma praia do Atlântico. A lida das personagens com o mar é tão orgânica que parece fazer parte da paisagem. E não se descuidavam da terra também – Ana era a dona orgulhosa de uma horta que fazia a alegria dos frequentadores da praia. Ocorre que nas primeiras páginas da história, Manuel Bote morre. Na verdade, a história já começa com a descrição de sua decadência:

A sua barba começara já a embranquecer, a sua valentia e a força da sua braçada pertenciam já ao mundo das histórias que se contam como lendas. Sabíamos que, na sua pequena casa ao pé da praia, as paredes estavam cobertas de diplomas e medalhas que lembravam as vidas que tinha salvo (ANDRESEN, 1997, p. 9).

Com a morte de Manuel, Ana enlouquece. Tornou-se “uma mulher tão diferente que era como se tivesse mudado não de situação mas de identidade” (ANDRESEN, 1997, p. 21) Aos poucos foi se esquecendo de si, começou a beber e a se desligar da vida. Foi quando um primo distante reclamou na justiça a posse da horta. E é em torno desta disputa que o conto se desenvolve. Há a convocação de personagens ligadas entre si pela vizinhança na praia que serão ouvidas pela justiça, no tribunal, para onde foi levado o processo. Não faltam artimanhas tramadas pelos advogados, intrigas entre as partes envolvidas. Na realidade, o que o conto nos dá a ver são justamente os ajustes necessários e delicados de uma comunidade quando uma figura que exercia uma imagem tutelar morre, desaparece.

Em um primeiro momento Ana se desespera quando percebe que há a possibilidade de perder a sua casa na praia. “Tinha um sentimento atroz de estranheza, sentia-a perdida num mundo alheio que não podia e não queria entender” (ANDRESEN, 1997, p. 32) Mas depois entende que o que estava lhe incomodando de verdade era perceber o desequilíbrio que seus companheiros estavam vivendo – era preciso manter a ordem do mundo. “Na sua horta foi construído um palacete em estilo modernaço que desfigura toda a linha da costa até aos últimos confins do horizonte” (ANDRESEN, 1997, p. 54).

Se, de um lado, temos uma crítica contundente aos novos tempos que, com suas opções, perderam tanto o mar quanto a terra, temos também uma possibilidade aberta em relação ao futuro, na possibilidade de renovação. Pois foi a própria Sophia quem disse que todo tempo inicial carrega consigo uma potência. É nisto que reside a sua aposta. Nisto e na força de suas personagens:

Meu canto se renova
E recomeço a busca
De um país liberto
De uma vida limpa
E de um tempo justo
(ANDRESEN, 1999, p. 23).

O passado só interessa como possibilidade de novos horizontes de expectativa. É, pois, o presente, a matéria-prima da poeta. “Por isso recomeço sem cessar a partir da página em branco / E este é meu ofício de poeta para a reconstrução do mundo” (ANDRESEN, 1999, p. 238).

Ao sublinhar, em sua obra, a relação umbilical entre Portugal e o mar, Sophia está buscando encontrar seu lugar no mundo. A escolha destes textos para o presente artigo se justifica, justamente, por serem textos onde a vocação atlântica de Portugal é passada a limpo. Dos usos e abusos que esta identidade forjada no mar rendeu aos portugueses vale recuperar e enaltecer a ousadia e a coragem dos navegadores anônimos que se arriscaram junto ao mar, em um claro desejo de desafiar o desconhecido. Quando este impulso primeiro cede lugar a uma obsessão, ou à busca incessante por mais terras e mais súditos há uma espécie de desencontro - algo da ordem do simbólico se desfaz, naufraga. É na possibilidade de resignificar esta história, doando ao homem comum à tarefa de redesenhar sua comunidade e recuperar aquela ousadia primeira, a aposta da poeta. Reinventar o mundo – eis sua tarefa.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Santa Catarina: Argos, 2009.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Navegações*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1983.

_____. *Navegações*. Lisboa: Editorial Caminho, 1996.

_____. *Obra Poética III*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

_____. *Obra Poética*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2015.

_____. Saga. In: _____. *Histórias de terra e mar*. Lisboa: Texto Editora, 1989.

_____. *Era uma vez uma Praia Atlântica*. Lisboa: Expo'98, 1997.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner; SENA, Jorge de. *Correspondência 1959-1978*. Lisboa: Guerra e Paz, 2006.

ARENDT, Hannah. *Da revolução*. Brasília e São Paulo: Universidade de Brasília e Ática, 1988.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Comissão Estratégica dos Oceanos. Relatório Parte 1. Lisboa, 2004. Disponível em: http://w3.ualg.pt/~jdias/GESTLIT/Documents/RelatorioCEO_Parte_I.pdf. Acesso em 26/10/2018.

GODINHO, Vitorino Magalhães. Que significa descobrir?, In: NOVAES, Aduato. (Org.) *A Descoberta do homem e do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 55-82.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

SAID, Edward. *Cultura e Política*. São Paulo: Editorial Boitempo, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade. In: RAMALHO, Maria Irene; RIBEIRO, António Sousa (Orgs.). *Entre ser e estar*. Raízes, percursos e discursos da identidade. Lisboa: Afrontamento, 2002. p. 23-85.

